

## EDITORIAL

### A esperança venceu o medo

O historiador Eric Hobsbawn [em: Era dos Extremos – o breve século XX] definiu o Brasil como “um monumento à negligência social”. De fato, há muito sabemos de nossas riquezas, principalmente naturais, a conviver com a pobreza material, intelectual e política acometidas sobre a maior parte dos brasileiros. A pobreza qualificada pelos dois últimos termos em grande parte justifica o qualitativo inicial dessa trilogia, e até mesmo sua perpetuação.

Somos afinal um país de contrastes: rico e ao mesmo tempo pobre; injusto e ofertante de oportunidades; e eis que da segunda pior distribuição de renda do planeta [Serra Leoa detém esse indigesto troféu] surge um magnífico exemplo de ascensão social: uma vez metalúrgico...outra presidente.

Cinquenta e três milhões de brasileiros não tiveram receio de confiar a Luiz Inácio Lula da Silva, o diploma de Presidente do Brasil, aliás, o primeiro de sua vida. Ele o recebe, agradece e chora, como se ainda não acreditasse em tamanho feito, mas os números expressam e ratificam o quantum de legitimidade, confiança e sobretudo de esperança num futuro melhor. Ratificam também o segundo lugar no ranking mundial de presidentes eleitos com expressiva votação [Ronald Reagan em primeiro]. E confirmam ainda a existência de elementos repetitivos na história [Lech Walesa que o diga].

Lula da Silva parece consciente de que a dimensão de seu feito não é menor do que ainda terá de fazer, resguardadas as devidas proporções. Resta saber se a maior parte de seus eleitores consciente está dessas proporcionalidades, das factibilidades, enfim, das distâncias entre o possível e o realizável e em que prazos ambos convergirão.

Nosso regime presidencialista e nossa cultura política contribuem para a (con) fusão entre governo e governante, da qual resulta a figura onipotente de um salvador da pátria. O próprio presidente eleito, quando ainda em campanha, apontava nessa direção, ao falar da necessidade de um “diplomado” para sanar os males de nossa esfera educacional. Por ora, Basta lembrar de que, no âmbito governamental, o atendimento das demandas internas da nação provém das (i) atitudes não apenas emanadas de seu principal mandatário, mas também do (ii) esforço e dedicação de toda a equipe que o cerca; das (iii) políticas implementadas e em que direção; dos (iv) recursos disponíveis interna e externamente; (v) do ingresso de capitais externos sob a forma de investimentos [isso se as arriscadas agências de risco não os afugentar]; além da (vi) redução do protecionismo comercial, principalmente na área agrícola. Decorrente disso, a presença de um “diplomado” na equipe é mero detalhe a certificar a exceção de que toda regra carece.

Severa mesmo é a escassez de recursos a estreitar a margem de manobra no cumprimento das promessas realizadas. Mas prometeu é bom cumprir a fim de evitar, aí sim, o medo de não se ter mais esperança.

Vol. 2 – nº1, 2003

Não esperemos por milagres, mas ao menos no plano interno, contamos com mudanças qualitativas no direcionamento da política econômica, pois se nem só de pão vive o homem, muito menos só de estabilidade de preços viverão os brasileiros.

Já no plano externo, dependeremos mais do que nunca da capacidade negociadora do Itamaraty, a fim de tirarmos proveito do relacionamento com um mundo globalizado, porém assimétrico.

Precisamos lutar pela construção de uma via de mão dupla para o comércio internacional, na qual as portas se abram de fora pra dentro, e também, de dentro pra fora. Desta forma, poderemos encher os pratos da balança, mas sem esvaziar o dos brasileiros.

Que o exemplo de democracia, maturidade política e solidez institucional, demonstrado pelo Brasil, sirva de alavanca para impulsionar nossa auto-estima, ampliar nossa capacidade de escolha, enfim, concretizar os nossos sonhos ou ao menos fazer que não deixemos de sonhar.

**Raimundo Ferreira de Vasconcelos**